

APRESENTAÇÃO

“Ressonâncias: Literatura e Natureza no Século XIX”

Durante o século XIX, enquanto a ciência e a engenharia promoviam a transformação e a exploração cada vez mais rápidas da natureza, imbuídos de um ideário técnico-científico em tudo capitalista, que prometia a conquista e o controle definitivos do meio físico, muitos escritores e diversos artistas preconizavam a resistência a essa visão dominante. Não apenas os românticos, mas também autores e autoras das gerações posteriores lamentaram a instrumentalização do mundo vivo, procurando alternativas ético-estéticas na arte e na vida. Entre os dias 08 e 09 de novembro de 2024, o Grupo de Estudos Ecocríticos (GECO) promoveu seu III Colóquio Internacional, subordinado ao título ***“Ressonâncias: Literatura e Natureza no Século XIX”***, momento em que cerca de 30 professores e pós-graduandos de diversos estados brasileiros, buscaram refletir sobre essas vozes dissidentes da Europa e das Américas que questionaram o avanço capitalista, ressaltando a beleza natural do Velho Mundo e a grandiosidade da natureza no continente americano, com destaque para o valor estético e intrínseco da natureza.

Este dossiê apresenta os textos dos convidados das sessões magnas do Colóquio, mais quatro artigos debatidos em salas de comunicações temáticas e ainda brinda o leitor, em fecho de ouro, com uma entrevista inspiradora do poeta Leonardo Fróes, um dos grandes defensores da ecologia no Brasil.

Abre o volume uma intervenção dos professores Klaus Eggensperger (UFPR) e Marcus Mazzari (USP), texto que nasceu da transcrição de uma performance poético-crítica, apresentada em jeito de jogral durante o evento, e que reflete sobre a prevalência do tempo de *Kairós* sobre o de *Cronos*, nas obras de Goethe e Thoreau. Um diálogo de erudição acessível e instigante. Na sequência somos convidados a conhecer a novela *Der Schimmelreiter*, um dos textos mais canônicos da literatura alemã da segunda metade do século XIX. Helmut Galle, professor da USP, registra a tensão entre histórias de vida realistas e histórias de fantasmas na obra de Theodor Storm, com destaque para a articulação de um discurso que irá minar a narrativa do progresso e da civilização a par da afirmação das leis inerentes da natureza - representadas pelo poder do mar.

Em tom ensaístico, o terceiro texto que aqui se apresenta, da professora Marilene Weinhardt (UFPR), promove um levantamento e abordagem de romances que ficcionalizam o episódio conhecido como Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, privilegiando análises que buscam apreender as reconfigurações do espaço geográfico nessas narrativas, como elemento que participa da ação, por vezes com atuação decisiva no desenrolar dos fatos.

O professor Fernando Cerisara Gil (UFPR) é quem assina o quarto artigo desta coletânea, propondo examinar a presença da natureza no romance rural do século XIX e buscando demonstrar que ela ocupa lugar estratégico no discurso literário da época ao estabelecer uma diferenciação entre natureza (campo, sertão ou cerrado) e cidade. Para tanto, detém-se na análise da abertura de alguns romances, tais como *Inocência*, *O Sertanejo* e *O vaqueano*.

Segue-se a contribuição de Luciano Brito Braga, que apresenta uma leitura bastante original dos pendores ambientalistas de José de Alencar, aqui visto como orientador de uma forma de romantismo ecológico, por meio da qual “tudo está vinculado a todo o resto e, o mais importante, a mente humana deve estar vinculada ao ambiente natural”, de modo a criar laços de solidariedade interespecíficas. Surge clara a ideia de que tais procedimentos antecipam abordagens ecológicas localistas – como a “visão biorregional” –, abrindo espaço para

conversas sobre questões ecológicas bem situadas, como a expansão da pecuária no século XIX, no Rio Grande do Sul, entre outras.

No artigo seguinte, a aproximação entre Machado de Assis e Virgínia Woolf, proposta por Lucas Durães Fernandes e Angela Maria Guida, busca revelar como ambos escritores anteciparam discussões indispensáveis aos estudos voltados à relação entre os mundos humano e não humano. O texto tematiza as crônicas do brasileiro – dentre elas, uma sobre uma greve de açougueiros do Rio de Janeiro – e os *Kew Gardens* londrinos, tomados a partir do olhar da autora britânica; sensíveis os dois aos valores intrínsecos da existência dos outros-que-humanos.

O ecomarxismo e a relação natureza-trabalho é o assunto que guia Claudia Daniele Blum Santana, ao revelar o olhar de Julia Lopes de Almeida para a escassez, não como um fato ou intercorrência natural, mas como fruto do sistema e vontade de quem detém os meios de produção. Do estudo também é possível depreender que a percepção da autora carioca sobre as árvores e jardins como índice de civilização evolui para uma visão dos processos naturais enquanto sistema/organismo.

Em “(Re)tecendo *O cortiço*”, Marta Botelho Lira propõe a leitura do clássico naturalista a partir dos modos de produção capitalista em consonância com a ideia de Ecosofia, tal qual apresentada por Félix Guattari, perscrutando de que maneira os desequilíbrios psíquicos das personagens interseccionam-se com os desequilíbrios verificados nos demais registros ecológicos.

Por fim, tem lugar em nosso dossiê uma entrevista de muitas vozes, quase um bate-papo, uma roda-viva entre vários poetas e críticos contemporâneos e o poeta e tradutor Leonardo Fróes, que fala sobre tradução, natureza e poesia como um “modo de viver”.

E para não nos alongarmos, já que esta apresentação sumária interessa menos que os trabalhos que compõem este volume, resta desejar que as ideias de ‘repercussão’ e ‘intensificação de sons’, contidas no substantivo **ressonâncias** possam ecoar entre os leitores deste dossiê.

Boa leitura!

Klaus F. W. Eggensperger

Márcio Matiassi Cantarin
